

# Editorial

Desde a mitologia cristã com a história de Adão e Eva, se inicia uma tradição na qual o conhecimento ocupa um lugar relevante na ordem das coisas. Da célebre árvore do conhecimento, cujo fruto, pela curiosidade despertada, valia mais do que a serenidade paradisíaca, passando pelo advento da ciência regada do iluminismo que via no conhecimento a única forma de escapar do obscurantismo, até culminar com Marx que o pensava como forma de emancipação, o conhecimento sempre ocupou um lugar de primazia indiscutível.

Depois de séculos de fama nossa época parece testemunhar seu declínio. Não que ele não tenha mais nenhum valor, valor que é comprovado todo o tempo, sobretudo pelos avanços científicos que crescem a nossos olhos diariamente, mas que seu valor atual é mais de troca do que de uso.

Para a longa tradição citada o conhecimento tinha um valor em si, de emancipação, sem precisar recorrer a artifícios compensatórios ou utilitários.

Tudo leva a crer que o empuxo capitalista o transformou, em nossos tempos, em uma mercadoria entre outras e que como tal tem valido cada vez menos.

Na escola cada vez mais se assiste à utilitarização do conhecimento, sua transformação em peça de acesso a um gozo outro, provindo do consumo dos objetos do mercado em relação ao qual o conhecimento não é senão o meio de acesso, dispensável se houver outros. A corriqueira pergunta feita pelos alunos : *para que vai me servir isso, professor?* apenas revela cruelmente a lógica que organiza o universo escolar.

A universidade, por sua vez, lugar que sempre se caracterizou por ser de altos estudos, cada vez mais cede ao crescimento de uma lógica batizada de *produtivista*, por seus próprios membros, através da corrente incessante de artigos que publicam resultados de pesquisa. Mas tanta publicação não a banalizaria, perguntam os que ainda, sem ceder ao sabor dos tempos, se encontram atônitos com as regras atuais?

No campo psicoterapêutico, por sua vez, também se assiste à emergência (ou ao retorno se pensarmos no que

foi o uso da hipnose, por exemplo) de um paradigma que dispensa o saber para privilegiar uma cura sem a participação do sujeito. De fato, a lógica imposta pelo remédio recupera a mesma mestria médica sobre a doença psíquica que estava presente na hipnose, abandonada por Freud exatamente porque entendeu a importância da participação do sujeito em sua cura. Uma cura supõe uma *mudança no saber*, eis o adágio que está em vias de perder seu fôlego

Os textos que compõem este dossiê apresentam, cada um a sua maneira, uma indagação sobre o que declina no valor do saber. Nem sempre esta indagação se faz sentir claramente, aparecendo de maneira sutil, noutras ela é escancarada.

A própria psicanálise precisa se perguntar sobre seu papel e seu lugar neste estado de coisas.

Este número da Estilos vem brindar o leitor marcando a importância deste tema que implica o trabalho de todos que se aventuram *a trocar o paraíso pelo conhecimento*.

Os Editores